



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**SCHEYLA REGINA PEREIRA DA SILVA**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado/a:** Scheyla Regina Pereira da Silva

**Nascimento:** 07.11.1958

**Local da entrevista:** Pelo telefone

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 24.01.2015

**Transcrição:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 36 min 06 seg

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Formatura; Localização; Professor Rolla e os alunos; Perfil como professor; Espetáculos; Formação profissional posterior; carreira internacional na dança; Retorno ao Brasil; Formação do grupo Atmos; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 24 de janeiro de 2015. Entrevista com Scheyla Regina Pereira da Silva a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

S.S. – Scheyla Regina Pereira da Silva

M.C. – Qual tua data de nascimento?

S.S. – 07.11.1958

M.C. – Qual teu estado civil?

S.S. – Sou casada.

M.C. – Tu tens filhos?

S.S. – Não.

M.C. – Qual tua naturalidade?

S.S. – Eu nasci em Porto Alegre.

M.C. – Gostaria que tu falasses sobre teu início na dança.

S.S. – Desde pequena eu queria ir para o balé e a minha mãe me colocou na escola do seu Rolla que ficava perto de onde eu morava ali no bairro Bonfim na Rua Ramiro Barcelos em Porto Alegre. Como eu gostava muito de dançar eles me colocaram lá. Iniciei meus estudos de dança desde o início, com seis anos o que era a idade permitida naquela época.

M.C. – Quanto tempo tu estudou na escola de João Luiz Rolla?

S.S. – Eu fiz o infantil, o preparatório, do primeiro até o sexto ano de pontas e no sexto ano nós nos formávamos.

M.C. – Então tu participaste da formatura?

S.S. – Sim. Eu participei. As formandas todas de vestido longo e uma coroinha na cabeça, como se fossemos princesas e cada uma de nós recebia do professor Rolla o certificado enroladinho e preso a uma fitinha vermelha.

M.C. – Onde ficava localizada a escola?

S.S. – Era no Auditório Araújo Vianna.

M.C. – Gostaria que tu falasses sobre o professor Rolla.

S.S. – Ele era muito exigente e atencioso com todos nós, mas quando preciso sabia muito bem chamar a nossa atenção. Eu lembro que ele usava uma bengala para nos corrigir, pois não ficava bem na época tocar nas alunas. Também lembro do cabelo bem branquinho e fininho e ele era muito, muito, muito, muito legal. Eu fiz todos os anos os nove anos de balé e não perdia uma aula e sempre recebia os prêmios de frequência. O aprendizado começava com a turma infantil com as professoras Erenita Parmeggiane Teixeira e Regina Guimarães e depois passava para o preparatório. Elas nos preparavam para quando chegasse o momento certo de estarmos prontas para seguirmos adiante com o professor Rolla. Ele era muito exigente e um apaixonado pela dança. No fundo da sala tinha o quartinho, como nós chamávamos, o professor Rolla chamava todas as alunas para ver os livros de ballet em cima da mesa dele. O quartinho era abarrotado de livros de todos os tipos de dança e ele ia até lá buscar para nos mostrar. Como ele era um senhor e não podia fazer os movimentos ele nos mostrava com ajuda dos livros como fazer cada passo.

M.C. – Tu poderias dizer algo sobre a varinha que ele usava em aula?

S.S. – Aquela varinha era da época. Os professores não tocavam no aluno, não tocavam na perna. Com a ajuda ele podia apontar para a parte do corpo e explicar para a aluna que deveria esticar a perna, esticar o joelho e ele tocava com a varinha na parte do corpo que ele falava. Por exemplo, se a perna estava a *la seconde* ele virava a ponta do pé pra ficar um pouco mais *an dehor* para que a gente entendesse o que era o *an dehor*. Ele falava sempre popô pra dentro! *Popô pra dentro!* Ele nunca falava bunda ou coisa do gênero [risos] Barriga! Barriga! Era assim.

M.C. – Gostaria que tu falasses sobre os espetáculos.

S.S. – Eu lembro que ele fez coreografia em a Regina, Maria Aparecida e as outras meninas que eram mais adiantadas dançavam em cadeiras com umas roupas verdes... eu vou te dizer, eu tenho problema de memória muito grande. Acho que esse espetáculo era o Assassinato na décima avenida dançavam só as mais velhas e eu era pequena ainda. Eu

dancei um que chamava Orquestra e eu era o violino. Se não me engano tinha um espetáculo que eu era um cavalinho também. Era o Grand Cânion Suíte e eu fazia um cavalinho o figurino era todo marronzinho com uma crina na cabeça. Tinha também o 2001<sup>1</sup> que caíam umas cordas e a gente dançava com vestidinhos rosa e azul. Eu me lembro desse espetáculo, mas não lembro se eu dancei.

M.C. – Gostaria que tu falasses do período após a formação na Escola de João Luiz Rolla.

S.S. – Depois que eu saí da escola do professor Rolla, eu estava no ginásio ainda e eu fui para o Rio de Janeiro. Meu pai quase morreu do coração. E fiz audição na escola de dança de Dalal Aschcar. As aulas eram muito boas e ministradas por professores estrangeiros e brasileiros. Me lembro que fizemos uma pequena apresentação e acabei recebendo um buque de flores. Eu morava na casa do meu tio, irmão da minha mãe e ele morreu de rir [risos] da história que contei. Eu disse que me entregaram por engano, foi muito engraçado. No Rio acho que não foi nem meio ano. Eu fui fazer o cursinho supletivo no Rio porque a minha mãe queria que eu continuasse estudando pra não perder o ano uma vez que eu já estava no último ano do colegial e depois iria para faculdade e eu não fiz vestibular e fui para o Rio de Janeiro. Não deu certo no Rio porque queria eu dançar mais e nós ficávamos só ensaiando, ensaiando, ensaiando e ir para o palco mesmo nunca acontecia. Por fim voltei para Porto Alegre. Minha professora Regina Guimarães já tinha feito um curso de férias no Ballet Stagium em São Paulo e eu também. Então eu me disse: “vou tentar o Balé Stagium” e fui. E aí fiquei lá uns três anos ou até mais, não lembro exatamente quanto tempo eu fiquei. De lá eu resolvi viajar para Europa. Eu fui para Alemanha. Eu não tinha convite nenhum, mas eu sabia, eu tinha um contato do Rubens Reis que dançou comigo, ele era de Belo Horizonte. Rubens Reis dançou no Ballet Stagium comigo e ele foi para Alemanha e eu sabia que ele estava lá. E aí eu fui. Não falei nada com ele. Sabe como são as coisas de bailarino não é? Me deram o contato mais ou menos eu sabia a cidade onde ele estava. Convenci meu pai outra vez, peguei um avião e lá me fui só com patrocínio [risos]. Fui para Alemanha e fiz audição em Colônia<sup>2</sup>, Dusseldorf<sup>3</sup>. Fiquei sabendo que Rubens Reis estava dançando no Ballet Schindoviski em Gelsenkirchen<sup>4</sup> que é uma cidadezinha que fica perto de Essen com um teatro maravilhoso.

---

<sup>1</sup> Coreografia 2001 uma odisseia pelas fronteiras sem fim da dança.

<sup>2</sup> Cidade da Alemanha.

<sup>3</sup> Cidade da Alemanha.

<sup>4</sup> Cidade da Alemanha.

A fachada dele na frente é todinha de vidro e escadas que você vê as pessoas passando pelo *foyer* do teatro. Então à noite, nas apresentações, eles acendem aquela luz e as pessoas do lado de fora do teatro podem ver as pessoas entrando e passeando, tomando um café, sentando e conversando, enquanto esperam a entrada para o teatro. É muito bonito.

M.C. – Quanto tempo tu ficaste na Alemanha?

S.S. – Eu trabalhei treze anos em Gelsenkirchen.

M.C. – Nesse período qual era tua função?

S.S. – Eu era bailarina contratada fiquei treze anos na companhia. Comecei como corpo de baile, depois passei para solista. A solista na nossa companhia fazia de tudo. Ela se destaca um pouco dos outros ou se destaca muito de outros. O grupo era muito usado.

M.C. – Quem era o coreógrafo?

S.S. – Era senhor Bernd Schindowiski. Ele era o diretor do balé. Super exigente, muito criativo e dedicado. E ele fazia umas coisas meio estranhas, achava eu no início. Mas depois eu tive que tirar o chapéu e dizer que ele era realmente um gênio. Ele fazia umas coisas muito bonitas com movimentos modernos. Na época chamava moderno.

M.C. – Tu acredita que a formação na escola de João Luiz Rolla teve influencia neste período?

S.S. – Sim, com certeza. A escola de João Luiz Rolla foi uma excelente escola com as ajudas da Regina e da Erenita<sup>5</sup> e principalmente do seu Rolla, apesar de que na época ele já era um senhor. Mas eu achava que isso depende de cada aluno. Eu gostava e eu me empenhava muito. As alunas bailarinas do seu Rolla que nunca faltavam à aula ele dava um quadrinho com bailarinas. Eu ganhei todos os quadrinhos porque eu nunca faltei. E era uma maneira que ele tinha de incentivar a pessoa e eu achava isso muito legal. E eu fiz todos os anos e não gostava de faltar nenhuma aula, nenhuma aula, sempre, sempre, sempre ia. A não ser que estivesse doente isso também mudou um pouco a minha maneira de depois me tornar profissional, de ser muito responsável e disse: “é isso que eu gosto, vou fazer até o final.” E não vou dizer: “ah! hoje eu não vou porque estou com dor de

---

<sup>5</sup> Erenita Parmegiani Teixeira ex-aluna da escola de dança de João Luis Rolla.

barriga, hoje estou nos meus dias e eu não vou fazer aula.” Isso não. Eu era muito responsável. Esta maneira dele conduzir influenciou muito na minha formação.

M.C. – E como prosseguiu tua carreira na dança?

S.S. – Bem, depois da Alemanha eu voltei para o Brasil, voltei para Porto Alegre primeiro e depois eu fui para Fortaleza porque eu conheci o meu marido na Alemanha, o Janson<sup>6</sup>. Ele foi dançar na minha companhia e nos conhecemos. Fomos para Fortaleza e resolvemos morar lá, mas eu não mexi com dança. Eu saí de Fortaleza e fui para Cuiabá onde trabalhei como digitadora e fazia tradução quando preciso em uma termoelétrica que trabalhava com a Tecnologia Siemens. Como eu te disse quando a gente está na Alemanha as pessoas ficam sabendo aqui no Brasil que tem algum brasileiro naquela companhia e eu conheci a Rita Barreto que dançou no Guaíra, assim como o Janson. E ela me disse, se eu achava o trabalho na obra ruim e que não tinha nada a ver comigo, e porque não fazer outra coisa? Minha amiga Rita me disse que o banco KFW tinha uma vaga para secretaria e eu me candidatei. Deixei a dança e fui trabalhar no banco KFW, banco de desenvolvimento alemão e assim então minha trajetória na dança parou e fui trabalhar no KFW.

M.C. – E hoje?

S.S. – Hoje eu moro em Brasília, o meu marido da aula balé e nós temos um grupo que se chama Atmos Cia. de dança. Ele dá aula à noite para meninas que já fizeram todo o curso nas suas escolas, e gostariam de aperfeiçoar a técnica adquirida e assim vieram fazer aula com a gente e resolvemos fazer no final do ano um espetáculo.

M.C. – Tu lecionas também?

S.S. – Eu de vez em quando dou aula. Eu dei aula quando eu cheguei aqui. Depois eu encontrei com a Heloisa Almeida, que também dançou no Teatro Guaira assim como a Rita Barreto e o Janson Damasceno. E assim comecei a dar aulas na Claude Debussy. Através da Rita consegui o emprego que tenho hoje no Banco KFW em Brasília. Meu marido chegou depois a Brasília e passei as aulas para ele. Janson começou a dar aulas e formou a Atmos Cia. E a gente faz essa dupla. Estamos sempre juntos. Ele dá aula, às vezes eu dou aula quando ele não pode, mas como eu trabalho mais fica, mas na mão dele.

---

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.



Mas eu estou sempre junto. Esse grupo é um grupo de dança contemporânea hoje em dia a gente faz de clássico ao contemporâneo faz de tudo um pouco.

M.C. – Sobre o tempo na Alemanha e à sua carreira internacional tem mais alguma coisa que gostaria de deixar registrado?

S.S. – Alguns espetáculos foram bem importantes como Die Reise nach Kitera, Krimineles Kind, Johannes Passion, Westside Story do coreógrafo Bernd Schindwsky. Quase todas as coreografias eram assinadas por ele.

M.C. – Sobre o momento final da escola de João Luiz Rolla tu tivestes algum contato?

S.S. – Não. Não tive.

M.C. – Tu mantivestes algum contato com ele após a formatura?

S.S. – Não porque eu não ia muito a Porto Alegre. Eu acho que eu o vi uma vez somente, mas o que importa é que ele sempre esteve comigo em meu coração. Eu sei que agora mais recente eu encontrei as meninas. Porque a gente fez um encontro das roletes que dançavam na escola.

M.C. – Na época em que dançastes na escola de João Luiz Rolla o que ela representava para a cidade de Porto Alegre?

S.S. – Era a escola mais importante que tinha. A escola de João Luiz Rolla tinha nome, respaldo, era conhecida. Na minha época quando eu estive lá era a melhor escola que tinha. Podiam até falar de dona Tony, essas outras todas, mas nada chegava aos pés do seu Rolla, nada! Pelos resultados que ele conseguia e pelas obras que ele fez. Isso eu tiro meu chapéu. Ele era o melhor profissional da dança naquela época. Mas ele foi uma pessoa que amou a dança com toda a alma dele e a preocupação que ele tinha, é uma coisa que me emociona até hoje, com todos, com todos! Ele era rígido? Ele era rígido! Mas ele amava e gostava que a gente se empenhasse ao máximo para fazer cada exercício. Então eu acho que é isso que nos transformou. Esse grupo que eu conheço Sayonara<sup>7</sup>, eu, Regina, Aparecida<sup>8</sup>, Carlota<sup>9</sup> de ser assim louquinhas por balé até hoje! Era um grupo maravilhoso! É um grupo

---

<sup>7</sup> Sayonara Pereira, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>8</sup> Maria Aparecida Agustoni, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

<sup>9</sup> Carlota Cristina Macedo de Albuquerque, ex-aluna da escola de dança João Luiz Rolla.

maravilhoso! Não tinha, por exemplo, diferença das meninas Regina e Aparecida para nós. Todo mundo se dava bem.

M.C. – Bem estamos encaminhando para o término da entrevista e este é o momento para fazer o teu registro final.

S.S. – Eu só queria dizer que na minha época de bailarina o meu desempenho como bailarina eu devo isso ao seu Rolla. Sem dúvida foi a pessoa que mais influenciou a minha vida foi ele quanto a dança. Ele me mostrou o que é dedicação, o que é amor e disso eu fiz a minha profissão. Me dediquei e amei a dança profundamente.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]